

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO III

NOVEMBRO DE 1860

Nº 11

Boletim

DA SOCIEDADE PARIENSE DE ESTUDOS ESPÍRITAS

Sexta-feira, 5 de outubro de 1860 – Sessão particular

Reunião da comissão.

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão de 24 de agosto.

Com o parecer da comissão, que tomou conhecimento da carta de pedido, e após a leitura da ata, a Sociedade admite como sócio-livre o Sr. B..., negociante em Paris.

Comunicações diversas:

1º O Sr. Allan Kardec relata o resultado da viagem que acaba de fazer no interesse do Espiritismo e se congratula pela cordialidade da acolhida que recebeu por toda parte, principalmente em Sens, Mâcon, Lyon e Saint-Etienne. Em todos os locais onde se deteve pôde constatar os progressos consideráveis da doutrina; mas o que, sobretudo, é digno de nota, é que em parte alguma viu fazerem dela uma distração. Por toda

parte se ocupam do Espiritismo de modo sério e lhes compreendem o alcance e as conseqüências futuras. É possível que ainda haja muitos oponentes, dos quais os mais obstinados são os interesseiros, mas os trocistas diminuem sensivelmente. Vendo que seus sarcasmos não atraem os brincalhões para o seu lado, e que estes mais favorecem do que entravam o progresso das crenças novas, começam a compreender que nada ganham e desperdiçam o espírito em pura perda, razão por que se calam. Uma expressão muito característica aparece, por toda parte, na ordem do dia: *O Espiritismo está no ar*, por si só ela descreve bem o estado das coisas. Mas é principalmente em Lyon que os resultados são mais notáveis. Ali os espíritas são numerosos em todas as classes e, na classe operária, eles se contam por centenas. A Doutrina Espírita tem exercido, entre os operários, a mais salutar influência do ponto de vista da ordem, da moral e das idéias religiosas. Em resumo, a propagação do Espiritismo marcha com a mais encorajadora rapidez.

O Sr. Allan Kardec lê o discurso pronunciado pelo Sr. Guillaume, no banquete que os espíritas lioneses lhe ofereceram, assim como a resposta que lhe deu.

Reconhecida pelos testemunhos de simpatia que os confrades de Lyon lhe deram na ocasião, a Sociedade lhes vota uma moção de agradecimento, cujo projeto foi submetido à Comissão e por ela emendado. Esta moção será transmitida por intermédio do presidente.

O Sr. Allan Kardec viu em Saint-Etienne o Sr. R... e dele ouviu a exposição do sistema que lhe foi ditado, por meio do que ele chama *escrita inconsciente*. Mais tarde esse sistema será objeto de um estudo especial.

Além disso, dá conta de um caso muito curioso de obsessão física de uma pessoa de Lyon; de um caso de mediunidade

visual, do qual foi testemunha, e de um fenômeno de transfiguração ocorrido nos arredores de Saint-Etienne, com uma jovem que, em certos momentos, tomava a aparência completa de seu irmão, morto alguns anos antes.

2^o Relato de um notável caso de identidade espírita ocorrido num navio da marinha imperial, ancorado nos mares da China. O fato é relatado por um cirurgião da frota, presente à sessão. Todos no navio, desde os marinheiros até o estado-maior, se ocupavam de evocações; porém, não conhecendo o meio de obter comunicações escritas, se serviam da tiptologia alfabética. Alguém teve a idéia de evocar um tenente, falecido há dois anos; entre outras particularidades, disse ele: “Peço insistentemente que paguem ao capitão a quantia de... (ele designa a soma), que eu lhe devo, e que lamento não ter podido fazê-lo antes de morrer.” Ninguém conhecia tal circunstância; o próprio capitão se havia esquecido, mas, verificando suas contas, encontrou menção da dívida do tenente, cuja cifra, indicada por seu Espírito, era perfeitamente exata.

3^o O Sr. de Grand-Boulogne lê uma encantadora poesia, por ele dirigida ao seu Espírito familiar.

Estudos:

1^o Perguntas endereçadas a São Luís sobre sua aparição a um médium vidente de Lyon, em presença do Sr. Allan Kardec. Ele responde: “Sim, era eu mesmo; era dever de minha missão não abandonar o diretor da sociedade que patrocino.”

– Outras perguntas sobre a impressão física produzida em certos médiuns escreventes pelos Espíritos bons e maus.

2^o Evocação do Sr. Ch. de P..., que encontraram afogado, cuja morte foi atribuída ao suicídio. Ele desmente tal opinião e narra as causas acidentais que lhe ocasionaram a morte.

3º Ditado espontâneo, assinado por Lamennais, recebido pelo Sr. D...

Sexta-feira, 12 de outubro de 1860 – Sessão geral

Reunião da comissão.

Presidência do Sr. Jobard, de Bruxelas, presidente honorário.

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão de 5 de outubro.

Comunicações diversas:

1º Leitura de várias comunicações obtidas pela Sra. Schm...: *Os órfãos*, assinada por Jules Morin. Outras, assinadas por Alfred de Musset, pela rainha de Oude e por Nicolas.

2º Leitura de um ditado espontâneo assinado por São Luís, recebido pelo Sr. Darcol, contendo diversos conselhos aos espíritas.

3º Carta dirigida ao Sr. Allan Kardec pelo Sr. J..., da Terra-Negra, sobre a penosa impressão que lhe produziu a exposição do sistema do Sr. R...

Estudos:

1º Evocação de Saul, rei dos judeus. Declara que não é ele quem se comunica pela Srta. B... O Espírito que se comunica com esse nome tinha ensinado no círculo dessa senhora um sistema particular, cujos principais pontos são estes: 1º Os Espíritos são tanto mais esclarecidos quanto mais antiga tenha sido sua última existência terrena, de onde se conclui, por exemplo, que São Luís deve ser menos adiantado que ele, porque morreu há menos tempo; 2º Os Espíritos só se encarnam na Terra, sendo exatamente

três o número dessas encarnações, nem mais, nem menos, o que basta para os levar do grau mais baixo ao mais elevado.

Tendo o Sr. Allan Kardec combatido esta teoria, como irracional e desmentida pelos fatos, o Espírito empenhou-se em fazê-lo mudar de idéia. Evocado, não pôde sustentar o seu sistema, mas não se dá por vencido e pede para ser ouvido numa sessão íntima, por seu médium habitual.

Nota – Realizada a sessão alguns dias depois, o Espírito persistiu em dizer-se Saul, rei dos judeus. Mas, pressionado pelas perguntas, deu provas da mais absoluta ignorância, dizendo, por exemplo, que a encarnação só ocorre na Terra, porque esta é o único globo sólido; segundo ele, não sendo os outros planetas senão *globos fluídicos*, não podiam servir de habitação a seres corpóreos. Quando se lhe objetou o fenômeno dos eclipses do Sol, ele asseverou que jamais o Sol foi eclipsado por Mercúrio e Vênus, no que, aliás, nem sempre os astrônomos tinham estado de acordo.

O fato prova, mais uma vez, que os Espíritos estão longe de ter a ciência infusa³⁸ e quanto é preciso se pôr em guarda os sistemas que, por amor-próprio, alguns procuram impor, através de algumas belas máximas de moral. Este, apesar da jactância, revelou sua verdadeira intenção com a ridícula teoria dos corpos planetários e provou que, em vida, devia ser menos instruído que o mais atrasado estudante, o que não é uma garantia em favor de seu progresso. Quando esses Espíritos encontram ouvintes que acolhem suas palavras com uma confiança demasiado cega, eles os aproveitam; serão, porém, menos encontrados à medida que nos compenetrarmos desta verdade: é preciso submeter todas as comunicações ao controle severo da lógica e da razão. Quando esses Espíritos pseudo-sábios perceberem que ninguém se deixará enganar pelos nomes respeitáveis com que se adornam, e que não podem impor suas utopias, compreenderão que perdem o tempo e se calarão.

38 N. do T.: Ciência que se supõe vinda de Deus por inspiração.

2º Evocação do Espírito que se comunica ao Sr. R... e também lhe ditou um sistema completo. Esse estudo será retomado posteriormente.

3º Ditado espontâneo obtido pelo Sr. D... sobre a *ciência infusa*, assinado por São Luís. Essa comunicação parece ter sido provocada pelos assuntos de que se ocuparam durante a sessão.

4º Desenho obtido pela Srta. J... e assinado por Ary Schoeffer.

5º Evocação de Nicolas pela Srta. J... Como de hábito, manifesta-se pela violência. “Pedir-me calma – diz – é pedir que eu não seja eu. Como vedes, ainda queimo; é que o sopro da batalha subiu até mim.”

Interrogado quanto à razão por que se mostrou tão calmo com a Sra. Sch..., responde: Eu tinha tomado um intérprete para não prejudicar esta frágil criatura; pude ter belos e bons pensamentos, mas não pude escrevê-los eu mesmo.

Um outro Espírito se comunica espontaneamente através da Srta. J...; por sua extrema suavidade, por sua escrita bem-posta, correta e quase moldada, que contrasta de maneira tão notável com a escrita entrecortada, angulosa e impaciente de N..., a médium crê reconhecer João-Batista, que várias vezes assim se manifestou. Ele fala da eficácia da prece e lembra as profecias do Apocalipse, que hoje encontram sua aplicação.

Sexta-feira, 19 de outubro de 1860 – Sessão particular

Reunião da comissão.

Leitura da ata e dos trabalhos da última sessão.

Por indicação da comissão, e depois de lida a ata, são admitidos, como sócios-livres, o Sr. G..., negociante em Paris, e o Sr. D..., empregado nos Correios.

Comunicações diversas:

1º Leitura de uma comunicação recebida pela Sra. Sch..., de seu irmão. É extraordinária pela elevação dos pensamentos, provando a afeição que os Espíritos conservam por aqueles que amaram na Terra.

2º A Sra. Desl... lê a evocação de uma antiga empregada de sua família, já falecida. Essa evocação, na qual o Espírito prova a sua afeição e os seus bons sentimentos, oferece uma notável particularidade na forma da linguagem, que é, em todos os pontos, semelhante à da gente simples do campo, havendo o Espírito conservado até mesmo as expressões que lhe eram familiares.

3º Caso de identidade, relativo ao Espírito Charles de P..., evocado na sessão de 5 de outubro. A pessoa com quem já se havia comunicado em Bordeaux, e que o tinha evocado novamente nos primeiros dias deste mês, por ele soube que o chamaram na Sociedade, onde tinha confirmado o que dissera a respeito da causa accidental de sua morte. Pouco depois essa pessoa recebeu a carta do Sr. Allan Kardec, transmitindo detalhes da evocação feita na Sociedade.

4º Relato de diversos casos de aparições vaporosas e tangíveis e de transporte de objetos materiais, ocorridos com o Sr. de St.-G..., presente à sessão, bem como a uma de suas parentas. Esses casos serão objeto de exame ulterior.

Estudos:

1º Evocação do Espírito que se manifestou visivelmente ao Sr. de St.-G... Ele dá algumas explicações, mas declara que prefere comunicar-se por seu médium habitual.

2º Evocação de um Espírito que toma o nome de Baltazar e se revelou espontaneamente à Srta. H..., mostrando

disposições gastronômicas. Essa evocação oferece um grande interesse do ponto de vista do estudo dos Espíritos não desmaterializados, e que conservam os instintos da vida terrena.

Três ditados espontâneos são obtidos: o primeiro pelo Sr. Didier Filho, sobre o Cristianismo, assinado por Lamennais; o segundo pela Sra. Costel, sobre os Espíritos materiais, assinado por Delphine de Girardin; o terceiro pela Srta. Huet, a parábola Beijo da paz, assinada por Channing.

Bibliografia

CARTA DE UM CATÓLICO SOBRE O ESPIRITISMO

Pelo Dr. Grand, antigo Vice-cônsul da França³⁹

O autor desta brochura propôs-se a provar que se pode ser, ao mesmo tempo, bom católico e fervoroso espírita. Neste sentido, prega pela palavra e pelo exemplo, pois é sinceramente uma e outra coisa. Por fatos e argumentos de uma lógica rigorosa, estabelece a concordância do Espiritismo com a religião, e demonstra que todos os dogmas fundamentais encontram, na Doutrina Espírita, uma explicação susceptível de satisfazer à razão mais exigente, que em vão a teologia se esforça para dar; de onde conclui que, se esses dogmas fossem ensinados desta maneira, encontrariam bem menos incrédulos e que, portanto, devendo a religião ganhar com essa aliança, dia virá em que, pela força das coisas, o Espiritismo estará na religião, ou a religião no Espiritismo.

Parece difícil que, após a leitura desse opúsculo, aqueles que os escrúpulos religiosos ainda afastam do Espiritismo não sejam levados a uma apreciação mais sadia do problema. Aliás, há um fato evidente: é que as idéias espíritas marcham com tal rapidez

³⁹ Br. Grand in-18, preço 1 fr.; pelo Correio 1 fr. 15 cent, Ledoyen, livreiro-editor, Palais-Royal, 31, galerie d'Orléans e no escritório da *Revista Espírita*.

que, sem ser adivinho nem feiticeiro, é possível prever o tempo em que serão tão gerais que, querendo ou não, ter-se-á que contar com elas; essas idéias conquistarão foros de cidadania, sem haver necessidade da permissão de ninguém, e em breve se reconhecerá, se ainda não se fez, a absoluta impossibilidade de lhe deter o curso. As próprias diatribes dar-lhes-ão um impulso extraordinário e não se poderia crer no número de adeptos que, sem querer, fez o Sr. Louis Figuier com a sua *Histoire du merveilleux*, na qual pretende tudo explicar pela alucinação, quando, definitivamente, nada explica porque, sendo seu ponto de partida a negação de toda força fora da Humanidade, sua teoria material não pode resolver todos os casos. Os gracejos do Sr. Oscar Comettant não são argumentos: ele faz rir, mas não à custa dos espíritas. O impudente e grosseiro artigo da *Gazette de Lyon* só prejudicou a ela mesma, pois todos o julgaram como o merece. Após a leitura da brochura de que falamos, que dirão os que ainda ousam avançar que os espíritas são ímpios e que a sua doutrina ameaça a religião? Não percebem que, assim falando, fariam crer que a religião é vulnerável; realmente, seria muito vulnerável se uma utopia, pois, segundo eles, trata-se de utopia, pudesse comprometê-la. Não receamos dizer: todos os homens sinceramente religiosos – e por isso entendemos os que o são mais pelo coração do que pelos lábios – reconhecerão no Espiritismo uma manifestação divina, cujo objetivo é reavivar a fé que se extingue.

Recomendamos insistentemente essa brochura a todos os nossos leitores, e cremos que farão uma coisa útil, procurando propagá-la.

Homero

Estamos há muito tempo em contato com dois médiuns de Sens, tão distintos por suas faculdades, quanto recomendáveis por sua modéstia, devotamento e pureza de

intenções. Evitaríamos dizê-lo se não os soubéssemos inacessíveis ao orgulho, essa pedra de tropeço de tantos médiuns, contra a qual vieram quebrar-se tantas disposições felizes. É uma qualidade bastante rara, que merece assinalada. Pudemos assegurar-nos pessoalmente das simpatias que eles desfrutavam entre os Espíritos bons; mas, longe de se prevalecerem disso, longe de se julgarem os únicos intérpretes da verdade, sem se deixarem ofuscar pelos nomes imponentes, aceitam com toda humildade e com *prudente reserva* as comunicações que recebem, sempre as submetendo ao controle da razão. É o único meio de desencorajar os Espíritos enganadores, sempre à espreita das pessoas dispostas a crer, sob palavra, em tudo quanto vem do mundo dos Espíritos, contanto que traga a assinatura de um nome respeitável. Aliás, eles nunca receberam comunicações frívolas, triviais, grosseiras ou ridículas, e jamais algum Espírito tentou inculcar-lhes idéias excêntricas ou impor-se como regulador absoluto. E o que tudo isso prova ainda mais em favor dos Espíritos que os assistem são os sentimentos de real benevolência e verdadeira caridade cristã, que esses Espíritos inspiram aos seus protegidos. Tal a impressão que nos ficou do que vimos, e nos sentimos felizes de proclamar.

No interesse da conservação e do aperfeiçoamento de sua faculdade, fazemos votos por que jamais caiam no engano dos médiuns que se julgam infalíveis. Não há um só que se possa vangloriar de jamais ter sido enganado. As melhores intenções não garantem sempre e, muitas vezes, são uma prova para exercitar o julgamento e a perspicácia. Mas, a respeito dos que têm a infelicidade de se julgarem infalíveis, os Espíritos enganadores são muito habilidosos para os aproveitar; fazem o que fazem os homens: *exploram todas as fraquezas*.

No número das comunicações que esses senhores nos enviaram, a seguinte, assinada por Homero, embora não apresente nada de excepcional quanto às idéias, pareceu-nos merecer particular atenção, em virtude de um fato notável que pode, até

certo ponto, ser considerado como prova de identidade. Esta comunicação foi obtida espontaneamente e sem que o médium de forma alguma pensasse no poeta grego. Provocou diversas perguntas que também julgamos dever reproduzir.

Certo dia o médium escreveu o que se segue, sem saber quem lho ditava:

“Meu Deus! como são profundos os vossos desígnios e impenetráveis as vossas vistas! Em todos os tempos os homens têm procurado a solução de uma multidão de problemas que não se acham ainda resolvidos. Eu também o procurei em toda a minha vida e fui incapaz de resolver o que de todos parece o mais simples: o mal, aguilhão de que vos servis para impelir o homem a fazer o bem por amor. Ainda muito jovem, conheci os maus-tratos que os homens fazem sofrer uns aos outros, sem premeditação, como se para eles o mal fosse um elemento natural; entretanto, não é assim, uma vez que todos tendem para o mesmo fim, que é o bem. Degolam-se uns aos outros e, ao despertarem, reconhecem que feriram um irmão! Mas são os vossos decretos, não nos competindo mudá-los; só temos o mérito ou o demérito de haver resistido mais ou menos à tentação e, como sanção de tudo isto, o castigo ou a recompensa.

“Passei a juventude nos *alagados de Mèlès*⁴⁰; banhei-me e embalei-me muitas vezes em suas ondas. Daí por que, na minha juventude, eu era chamado de *Melesigênio*.”

1. Sendo este nome desconhecido, rogamos ao Espírito que se dignasse explicá-lo de maneira precisa.

Resp. – Minha mocidade foi embalada nas ondas; a poesia me deu cabelos brancos. Sou eu a quem chamais *Homero*.

40 **N. do T.:** Grifos nossos – *roseaux du Mèlès* – No contexto corresponde a uma região alagada onde vicejam plantas aquáticas semelhantes à cana-da-índia.

Observação – Grande foi a nossa surpresa, pois não fazíamos nenhuma idéia do sobrenome de Homero; depois o encontramos no dicionário mitológico. Continuamos as perguntas.

2. Poderíeis dizer a que devemos a felicidade de vossa visita espontânea? Não pensávamos absolutamente em vós neste momento, pelo que vos pedimos perdão.

Resp. – É porque venho às vossas reuniões, como se vai sempre aos irmãos que têm em vista fazer o bem.

3. Se não for ousar bastante, gostaríamos que falásseis dos últimos momentos de vossa vida na Terra.

Resp. – Oh! meus amigos, Deus permita que não morrais tão infelizes quanto eu! Meu corpo feneceu na última das misérias humanas; a alma fica muito perturbada em tal estado; o despertar é mais difícil, mas é, também, mais belo. Oh! como Deus é grande! que ele vos abençoe! eu o peço do fundo do coração.

4. Os poemas da *Ilíada* e da *Odisseia*, que temos, são exatamente os que compusestes?

Resp. – Não; foram modificados.

5. Várias cidades disputaram a honra de vos ter sido o berço. Poderíeis esclarecer-nos a respeito?

Resp. – Procurai a cidade da Grécia que possui a casa do cortesão Clénax. Foi ele quem expulsou minha mãe do lugar de meu nascimento, porque ela não queria ser sua amante; assim, sabereis em que cidade eu nasci. Sim, elas disputaram essa suposta honra, mas não disputavam por me haverem dado hospitalidade. Oh! eis os pobres humanos; sempre futilidades; bons pensamentos, jamais!

Observação – O fato mais importante desta comunicação é a revelação do sobrenome de Homero; e é tanto mais notável quanto os dois médiuns, que deploram a insuficiência de sua instrução – o que os obriga a viver do trabalho manual – não

podiam ter a menor idéia a respeito. E tanto menos se pode atribuí-lo a um reflexo qualquer do pensamento, considerando-se que no momento estavam sós.

A respeito, faremos outra observação: Está provado, para todo espírita, mesmo para os menos experientes, que se alguém soubesse o sobrenome de Homero e, numa evocação, como prova de identidade, lhe pedisse para o revelar, nada obteria. Se as comunicações não passassem de um reflexo do pensamento, como não diria o Espírito aquilo que sabemos, enquanto ele próprio diz aquilo que ignoramos? É que ele também tem a sua dignidade e a sua susceptibilidade e quer provar que não está às ordens do primeiro curioso que apareça. Suponhamos que aquele que mais protesta contra o que chama capricho ou má vontade do Espírito, se apresente numa casa declinando o nome. Que faria, se o acolhessem e lhe pedissem à queima-roupa que provasse ser ele mesmo? Voltaria as costas. É o que fazem os Espíritos. Isto não quer dizer que se deva crer sob palavra; mas quando se querem provas de identidade, é necessário que os tratemos com a mesma consideração que dispensamos aos homens. As provas de identidade fornecidas espontaneamente pelos Espíritos são sempre as melhores.

Se nos estendemos tanto a propósito de um assunto que não parecia comportar tantas considerações, é que se me afigura útil não negligenciar nenhuma ocasião de chamar a atenção sobre a parte prática de uma ciência cercada de mais dificuldades do que geralmente se pensa, e que muitas pessoas julgam possuir porque sabem fazer bater uma mesa ou mover-se um lápis. Aliás, nós nos dirigimos aos que ainda julgam necessitar de alguns conselhos, e não aos que, após alguns meses de estudo, pensam não mais necessitá-los. Se os conselhos, que julgamos dever dar, forem perdidos para alguns, sabemos que não o serão para todos e que muitas pessoas os acolherão com prazer.

Conversas Familiares de Além-Túmulo

BALTAZAR, O ESPÍRITO GASTRÔNOMO

Sociedade, 19 de outubro de 1860

Numa reunião espírita particular apresentou-se espontaneamente um Espírito, sob o nome de Baltazar, e ditou a seguinte frase por meio de batidas:

“Gosto da boa mesa e das mulheres; viva o melão e a lagosta, o café e o licor!”

Pareceu-nos que tais disposições de um habitante do mundo invisível poderiam dar lugar a um estudo sério, do qual poderíamos tirar um ensinamento instrutivo sobre as faculdades e as sensações de certos Espíritos. A nosso ver, era um interessante assunto de observação que se apresentava por si, ou, melhor ainda, que talvez tivesse sido enviado pelos Espíritos elevados, desejosos de nos fornecer meios para nos instruímos; seríamos culpados se não o aproveitássemos. É evidente que essa frase burlesca revela, da parte do Espírito, uma natureza toda especial, cujo estudo pode lançar nova luz sobre o que podemos chamar a fisiologia do mundo espírita.

Eis por que a Sociedade julgou por bem evocá-lo, não por um motivo fútil, mas na esperança de encontrar um novo tema para instrução.

Certas pessoas crêem que só se pode aprender com o Espírito dos grandes homens: é um erro. Sem dúvida, só os Espíritos de escol nos dão lições de alta filosofia teórica; mas o que não importa menos é o conhecimento do estado real do mundo invisível. Pelo estudo de certos Espíritos tomamos, de certo modo, a natureza sobre o fato; é vendo as chagas que podemos encontrar o meio de curá-las. Como nos daríamos conta das penas e

sofrimentos da vida futura se não tivéssemos visto Espíritos infelizes? Por eles compreendemos que se pode sofrer muito sem estar no fogo e nas torturas materiais do inferno, e essa convicção, dada pela escória da vida espírita, não é uma das causas que têm contribuído menos para atrair partidários à doutrina.

1º Evocação.

Resp. – Meus amigos, eis-me ante uma grande mesa, mas, infelizmente, vazial!

2º Esta mesa está vazia, é verdade; mas quereis dizer-nos de que vos serviria se estivesse repleta de alimentos?

Resp. – *Sentiria o seu aroma, como outrora lhes saboreava o gosto.*

Resposta – Esta resposta encerra todo um ensinamento. Sabemos que os Espíritos têm as nossas sensações e percebem os odores tão bem quanto os sons. Não podendo comer, um Espírito material e sensual se repasta da emanção dos alimentos; saboreia-os pelo olfato, como em vida o fazia pelo paladar. Há, pois, algo de verdadeiramente material em seu prazer; porém, como há, na verdade, mais desejo do que realidade, este mesmo prazer, aguilhoando os desejos, torna-se um suplício para os Espíritos inferiores que ainda conservam as paixões humanas.

3º Falemos muito seriamente, peço-vos. Nosso propósito não é brincar, mas instruir-nos. Quereis, pois, responder com seriedade às nossas perguntas e, se for necessário, fazei-vos assistir por um Espírito mais esclarecido.

Tendes um corpo fluídico, nós o sabemos; mas dizei se, nesse corpo, há um estômago.

Resp. – Estômago fluídico também, onde só os aromas podem passar.

4º Quando vedes um prato apetitoso, sentis vontade de comer?

Resp. – Ah! Comer! Não o posso mais; para mim essas iguarias são o que representam as flores para vós: cheirais, mas não comeis. Isto vos contenta. Pois bem! fico contente também.

5º Sentis prazer vendo os outros a comer?

Resp. – Muito, quando estou perto.

6º Sentis *necessidade* de comer e beber? Notai que dizemos *necessidade*; há pouco tínhamos dito *desejo*, o que não é exatamente a mesma coisa.

Resp. – Necessidade, não; mas desejo, sim. Sempre.

7º Esse desejo fica plenamente satisfeito pelo aroma que aspirais? É, para vós, como se realmente comêsseis?

Resp. – É como se vos perguntasse se a visão de um objeto, que desejais ardentemente, substitui a posse desse objeto.

8º Pareceria, conforme isso, que o desejo que experimentais deve ser um verdadeiro suplício, pois não há prazer real.

Resp. – Suplício bem maior do que imaginais; mas eu procuro atordoar-me, criando-me a ilusão.

9º Vosso estado nos parece bastante material. Dizem-nos: dormis algumas vezes?

Resp. – Não; adoro caminhar sem destino por toda parte.

10º O tempo vos parece longo? Por vezes vos aborreceis?

Resp. – Não; percorro as feiras e os mercados; vou ver a chegada da pescaria, com o que me ocupo bastante.

11. Que fazíeis quando estáveis na Terra?

Nota – Alguém diz: sem dúvida era cozinheiro.

Resp. – Eu era apreciador da boa mesa, não glutão; advogado, filho de gastrônomo; neto de gastrônomo. Meus pais eram *fermiers généraux*⁴¹.

Respondendo em seguida à reflexão precedente, o Espírito acrescenta: Bem vêes que eu não era cozinheiro. Jamais te convidaria para os meus almoços, pois não sabes comer nem beber.

12. Há muito tempo que morrestes?

Resp. – Há cerca de trinta anos, com oitenta anos de idade.

13. Vedes outros Espíritos mais felizes do que vós?

Resp. – Sim; vejo alguns cuja felicidade consiste em louvar a Deus; ainda não conheço isto: meus pensamentos continuam vinculados à Terra.

14. Compreendeis as causas que os tornam mais felizes do que vós?

Resp. – Não as estimo ainda, como aquele que, desconhecendo um prato requintado, não o sabe apreciar. Talvez um dia chegue a compreender. Adeus; vou à procura de um jantarzinho muito delicado e muito suculento.

Baltazar

Observação – Este Espírito é bem singular; faz parte dessa classe numerosa de seres invisíveis que não se elevaram em coisa alguma acima da condição de humanidade; só têm de menos o corpo material, mas as idéias são exatamente as mesmas. Este não é um Espírito mau; não tem contra si senão a sensualidade, que é, ao mesmo tempo, para ele, um suplício e um gozo. Como Espírito não é, pois, muito infeliz; é até feliz a seu modo. Mas sabe Deus o

41 **N. do T.:** *Grifos nossos*. Financista que, no Antigo Regime, tinha direito de cobrar impostos, mediante pagamento de certa quantia fixa ao Tesouro francês.

que o espera numa nova existência! Um triste retorno poderá fazê-lo refletir e desenvolver o senso moral, ainda abafado pela preponderância dos sentidos.

Um Espírita a seu Espírito Familiar

ESTÂNCIAS

Tu, que de ti minha tristeza
Conta olhar terno de piedade!
Tu, para quem minha fraqueza
Recolhe assim santa amizade!
És alma, gênio ou pura chama,
Suspende o vôo de acesso aos céus;
Fica a aclarar-me, esta alma clama,
Ó Conselheiro dentre véus!

Mensageiro és da Providência,
Sábio interpretas sua lei,
Oh! fala; escuto com paciência:
Mestre divino, aprenderei.
Ainda há pouco eu duidava,
Sem fé sentindo o coração,
Porém teu sopro o iluminava,
Arremessando-me um clarão!

Assim, oh! Deus, Ser adorável,
Pai, muito mais que Criador,
Pois com ternura, ah! inefável,
Dá-nos um anjo em nossa dor.
E cada qual, ó maravilha!
Tem um celeste guardião;
Cada um de nós tem sua trilha
Ou invisível proteção.

Amável Ser que me consola!
 Bendito irmão doce e piedoso,
 Com quem minh'alma em luz se evola,
 Com ele evole ao céu radioso!
 Amo-te, sim, ser tutelar;
 Em tuas mãos, feliz afã;
 Sigo-te estrela; que a clarear
 Vens nosso céu nesse amanhã.

A. G.

Relações Afetuosas dos Espíritos

Comentário sobre o ditado espontâneo publicado na *Revista* do mês de outubro de 1860, sob o título de: *O Despertar do Espírito*.

São geralmente admiradas as belas comunicações do Espírito que assina *Georges*; mas, em razão mesmo da superioridade de que esse Espírito dá prova, várias pessoas viram com surpresa o que ele diz em sua comunicação *O Despertar do Espírito*, a propósito das relações de além-túmulo. Ali se lê o seguinte:

“Quando nos despojamos de todos os preconceitos terrenos, a verdade aparece em toda a sua luz. Nada atenua as faltas, nada oculta as virtudes. Vemos nossa alma tão claramente como num espelho; procuramos entre os Espíritos os que foram conhecidos, porquanto o Espírito se apavora no seu isolamento, embora passem sem se deter. Não há comunicações amigáveis entre os Espíritos errantes; mesmo aqueles que se amaram não trocam sinais de reconhecimento; essas formas diáfanas deslizam e não se fixam; as comunicações afetuosas são reservadas aos Espíritos superiores.”

O pensamento do reencontro após a morte e da comunicação com os que amamos é uma das mais doces consolações do Espiritismo, e a idéia de que as almas não possam ter entre si relações de amizade seria dolorosa, se fosse absoluta; por isso não nos surpreendemos com o sentimento penoso que ela produziu. Se Georges tivesse sido um desses Espíritos vulgares e sistemáticos, que manifestam as próprias idéias sem se inquietarem com a sua exatidão ou falsidade, não lhe teríamos dado a menor importância. Em razão de sua sabedoria e de sua profundidade habituais, poder-se-ia imaginar que no fundo dessa teoria houvesse algo de verdadeiro, mas que o pensamento não tivesse sido expresso completamente. É, com efeito, o que resulta das explicações que pedimos. Temos, pois, uma prova a mais de que nada se deve aceitar sem o haver submetido ao controle da razão; e aqui a razão e os fatos nos dizem que essa teoria não podia ser absoluta.

Se o isolamento fosse uma propriedade inerente à erraticidade, tal estado seria um verdadeiro suplício, tanto mais penoso quanto pode prolongar-se por muitos séculos. Sabemos, por experiência, que a privação da vista dos que amamos é uma punição para certos Espíritos; mas também sabemos que muitos são felizes por se encontrarem; que, ao sairmos desta vida, os nossos amigos do mundo espírita nos vêm receber e nos ajudam a nos desembaraçarmos das vestes materiais, e que nada é mais penoso do que não encontrar nenhuma alma benevolente nesse momento solene. Esta doutrina consoladora seria uma quimera? Não, não pode ser, porquanto não é apenas o resultado de um ensino: são as próprias almas, felizes ou sofredoras, que vêm descrever a sua situação. Sabemos que os Espíritos se reúnem e combinam entre si para agir de comum acordo, com mais força em certas ocasiões, tanto para o mal, quanto para o bem; que os Espíritos que não possuem os necessários conhecimentos para responder às perguntas que lhes são dirigidas, podem ser assistidos por Espíritos mais esclarecidos; que estes têm por missão ajudar

com seus conselhos o progresso dos Espíritos mais atrasados; que os Espíritos inferiores agem sob o impulso de outros Espíritos, dos quais são instrumentos; que recebem ordens, proibições ou permissões, circunstâncias essas que não ocorreriam se os Espíritos fossem entregues a si mesmos. O simples bom-senso nos diz, pois, que a situação da qual ele falou é relativa e não absoluta; que pode existir para alguns em dadas circunstâncias, mas não poderia ser geral, porque, do contrário, seria o maior obstáculo ao progresso do Espírito e, por isso mesmo, não seria conforme à justiça de Deus, nem à sua bondade. Evidentemente, o Espírito Georges não considerou senão uma fase da erraticidade, na qual, para melhor dizer, restringiu a acepção do termo *errante* a uma determinada categoria de Espíritos, em vez de aplicá-lo, como nós o fazemos indistintamente a todos os Espíritos não encarnados.

Pode, pois, acontecer que dois seres que se amaram não troquem sinais de reconhecimento; que nem mesmo possam ver-se e se falar, caso seja uma punição para um deles. Por outro lado, como os Espíritos se reúnem conforme a ordem hierárquica, dois seres que se amaram na Terra podem pertencer a ordens muito diferentes e, justamente por isso, encontrar-se separados até que o menos adiantado alcance o grau do outro. Essa privação pode ser, assim, uma conseqüência da expiação e das provas terrestres: compete a nós agir de modo a não merecê-la.

A felicidade dos Espíritos é relativa à sua elevação. Essa felicidade só é completa para os Espíritos depurados, e consiste principalmente no amor que os une; isto se concebe e é de toda justiça, porquanto a verdadeira afeição não pode existir senão entre seres que se despojaram de todo egoísmo e de toda influência material, pois somente neles ela é pura, sem segunda intenção, não podendo ser perturbada por nada. Daí se segue que suas comunicações devem ser, por isso mesmo, mais afetuosas e mais expansivas do que entre os Espíritos que ainda se acham sob o império das paixões terrenas. É preciso daí concluir que os

Espíritos errantes não são forçosamente privados, mas podem ser privados dessas comunicações, se tal for a punição a eles imposta. Como diz Georges em outra passagem: “Essa privação momentânea lhes dá mais ardor para atingirem o momento em que as provas realizadas lhes devolverão o objeto de sua afeição.” Portanto, essa privação não é o estado normal dos Espíritos errantes, mas uma expiação para os que a mereceram, uma das mil e uma variedades que nos esperam na outra vida, quando tivermos desmerecido nesta.

Dissertações Espíritas

RECEBIDAS OU LIDAS NA SOCIEDADE POR VÁRIOS MÉDIUNS

PRIMEIRAS IMPRESSÕES DE UM ESPÍRITO

Médium – Sra. Costel

Falarei da estranha mudança que se opera no Espírito logo após a sua libertação. Ele se evapora dos despojos que abandona, como uma chama se desprende do foco que a produziu; depois sucede uma grande perturbação e essa dúvida estranha: estou morto ou vivo? A ausência das sensações ordinárias produzidas pelo corpo surpreende e imobiliza, por assim dizer. Como um homem habituado a um fardo pesado, nossa alma, aliviada repentinamente, não sabe o que fazer de sua liberdade; depois, o espaço infinito, as maravilhas sem-número dos astros, sucedendo-se num ritmo harmonioso, os Espíritos solícitos, flutuando no ar e deslumbrantes de luz sutil que parece atravessá-los, o sentimento da libertação que inunda de repente, a necessidade de lançar-se também no espaço como aves que querem treinar as próprias asas, tais as primeiras impressões que todos nós sentimos. Não vos posso revelar todas as fases desta existência; apenas acrescentarei que, tão logo satisfeita com o seu encantamento, a alma ávida quer se lançar e subir mais às regiões

do verdadeiro belo, do verdadeiro bem, e essa aspiração é o tormento dos Espíritos sedentos do infinito. Como a crisálida, esperam despojar-se de sua pele; sentem brotar as asas que os levarão, radiosos, ao azul abençoado. Mas, retidos ainda pelos laços do pecado, devem planar entre o Céu e a Terra, não pertencendo nem a um, nem a outra. Que são todas as aspirações terrenas, comparadas ao ardor insaciável do ser que entreviu um recanto da eternidade! Sofrei, pois, bastante, para chegardes depurados entre nós. O Espiritismo vos ajudará, pois é uma obra abençoada; liga entre si os Espíritos e os vivos, formando os elos de uma cadeia invisível que sobe até Deus.

Delphine de Girardin

OS ÓRFÃOS⁴²

Médium – Sra. Schmidt

Meus irmãos, amai os órfãos. Se soubésseis quanto é triste ser só e abandonado, sobretudo na infância! Deus permite que haja órfãos, para exortar-nos a servir-lhes de pais. Que divina caridade amparar uma pobre criaturinha abandonada, evitar que sofra fome e frio, dirigir-lhe a alma, a fim de que não desgarre para o vício! Agrada a Deus quem estende a mão a uma criança abandonada, porque compreende e pratica a sua lei. Ponderai também que muitas vezes a criança que socorreis vos foi cara noutra vida, caso em que, se pudésseis lembrar-vos, já não estaríeis praticando a caridade, mas cumprindo um dever. Assim, pois, meus amigos, todo sofredor é vosso irmão e tem direito à vossa caridade; não, porém, a essa caridade que magoa o coração, não a essa esmola que queima a mão em que cai, pois freqüentemente bem amargos são os vossos óbolos! Quantas vezes seriam eles recusados, se na choupana a enfermidade e a fome não os estivessem esperando! Dai delicadamente, juntai ao benefício que fizerdes o mais precioso

42 **N. do T.:** Esta mensagem foi inserida por Allan Kardec em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, capítulo XIII, item 18 da edição definitiva (1866).

de todos os benefícios: o de uma boa palavra, de uma carícia, de um sorriso amistoso. Evitai esse ar de piedade e de proteção, que equivale a revolver a lâmina no coração que sangra e considerai que, fazendo o bem, trabalhai por vós mesmos e pelos vossos.

Jules Morin

Observação – O Espírito que assina a mensagem é completamente desconhecido. Podemos ver pela comunicação acima e por muitas outras do mesmo gênero, que nem sempre é necessário um nome ilustre para obter belas coisas. É uma puerilidade prender-se ao nome; é preciso aceitar o bem, venha de onde vier; aliás, o número de nomes ilustres é muito limitado; o dos Espíritos é infinito. Por que, então, não os haveria também capazes entre os que não são conhecidos? Fazemos esta reflexão porque há pessoas que julgam nada poder obter de sublime, a não ser chamando celebridades. A experiência prova o contrário todos os dias, mostrando-nos que podemos aprender alguma coisa com todos os Espíritos, desde que saibamos aproveitar as ocasiões.

UM IRMÃO MORTO À SUA IRMÃ VIVA

Médium – Sra. Schmidt

Minha irmã, tu pouco me evocas. Isto não me impede de vir ver-te todos os dias. Conheço teus dissabores; tua vida é penosa, bem o sei, mas importa sofrer a sorte nem sempre alegre. Todavia, há por vezes um alívio nas penas. Aquele, por exemplo, que faz o bem à custa da própria felicidade, pode, por si mesmo e pelos outros, afastar o rigor de muitas provas.

Neste mundo é raro ver-se fazer o bem com essa abnegação; certamente é difícil, mas não impossível, e os que têm essa sublime virtude são, em verdade, os eleitos do Senhor. Se nos déssemos bem conta dessa pobre peregrinação na Terra, haveríamos de o compreender. Mas assim não é: Os homens se agarram aos bens, como se devessem ficar sempre em seu exílio.

Entretanto, o mais vulgar bom-senso, a mais simples lógica demonstram, diariamente, que aqui não passamos de aves de arribação e os que têm menos penas nas asas são os que chegam mais depressa.

Minha boa irmã, para que serve ao rico todo esse luxo, todo esse supérfluo? Amanhã estará despojado de todos esses vãos ouropéis a fim de descer ao túmulo, para onde nada levará. É verdade que fez uma bela viagem; nada lhe faltou, não sabia mais o que desejar e esgotou as delícias da vida. Também é certo que, em seu delírio, algumas vezes lançou, sorrindo, a esmola nas mãos de seu irmão; mas terá, por isso, retirado algo da boca? Não, porquanto não se privou de um só prazer, de uma única fantasia. Contudo, esse irmão é um filho de Deus, nosso pai comum, a quem tudo pertence. Compreendes, minha irmã, que um bom pai não deserda um de seus filhos para tornar mais rico o outro? Daí por que recompensará o que foi privado de sua parte nesta vida.

Assim, pois, os que se julgam deserdados, abandonados e esquecidos, alcançarão em breve a margem bendita, onde reinam a justiça e a felicidade. Mas infelizes dos que fizeram mau uso dos bens que nosso Pai lhes confiou! Infeliz, também, o homem favorecido com o dom tão precioso da inteligência, se dela abusou! Acredita-me, Maria, quando se crê em Deus nada existe na Terra que se possa invejar, a não ser a graça de praticar suas leis.

Teu irmão Wilhelm

O CRISTIANISMO

Médium – Sr. Didier Filho

O que se deve observar no Espiritismo é a moral cristã. Desde séculos houve muitas religiões, diversos cismas e numerosas pretensas verdades. E tudo quanto foi erguido fora do Cristianismo caiu, porque o Espírito Santo não o animava. O Cristo resume o

que a moral mais pura e mais divina ensina ao homem, no tocante a seus deveres, nesta vida e na outra. A Antigüidade, no que tem de mais sublime, é pobre diante dessa moral tão rica e tão fértil. A auréola de Platão empalidece ante a do Cristo e a taça de Sócrates é muito pequena perante o imenso cálice do Filho do Homem. És tu, ó Sesóstris! déspota do poderoso Egito, que te podes medir, do alto de tuas pirâmides colossais, com o Cristo numa manjedoura? És tu, Solon? És tu, Licurgo, cuja bárbara lei condenava as crianças malformadas, que vos podeis comparar Àquele que disse face a face com o orgulho: “Deixai vir a mim as criancinhas”? Sois vós, pontífices sagrados do piedoso Numa, cuja moral exigia a morte viva das vestais culpadas, que vos podeis comparar Àquele que disse à mulher adúltera: “Levanta-te, mulher, e não peques mais”? Não, não mais com esses mistérios tenebrosos que praticais, ó sacerdotes antigos! Não mais com esses mistérios cristãos que são a base desta religião sublime, que se chama Cristianismo. Diante dEle todos vos inclinai, legisladores e sacerdotes humanos; inclinai-vos, porquanto foi o próprio Deus quem falou pela boca desse ser privilegiado que se chama Cristo.

Lamennais

O TEMPO PERDIDO

Médium – Srta. Huet

Se, por um instante, pudésseis refletir sobre a perda de tempo, mas refletir muito seriamente e calcular o imenso erro que cometeis, veríeis quanto esta hora, este minuto escoado inutilmente que não podeis recuperar, poderia ser necessário ao vosso bem futuro. Nem todos os poderes da Terra vo-lo poderiam devolver. E se o usastes mal, um dia sereis obrigados a repará-lo pela expiação, e, talvez, de maneira terrível! O que não daríeis, então, para recuperar o tempo perdido! Votos inúteis; pesares supérfluos! Assim, pensai bem nisto, em benefício de vosso interesse futuro e, mesmo presente, porque muitas vezes os pesares nos atingem

mesmo na Terra. Quando Deus vos pedir contas da existência que vos concedeu, da missão que tínheis de cumprir, que haveis de responder? Sereis como o enviado de um soberano que, longe de cumprir as ordens de seu senhor, passava o tempo a divertir-se, não se ocupando absolutamente do negócio para o qual foi credenciado. Em que responsabilidade não incorreria à sua volta? Sois aqui os enviados de Deus e tereis que prestar conta do vosso tempo, passado com os vossos irmãos. Eu vos recomendo esta meditação.

Massillon

OS SÁBIOS

Médium – Srta. Huet

Desde que chamais um Espírito, Deus me permite vir. Vou dar-vos um bom conselho, sobretudo a vós, M...

Vós que vos ocupais sempre dos sábios, pois é a vossa preocupação, deixai-os de lado. Que podem eles com as crenças religiosas e, sobretudo, espíritas! Não repeliram em todos os tempos as verdades que se apresentaram? Não rejeitaram todas as invenções, tratando-as de quimeras? Dentre os que anunciavam essas verdades, uns eram tratados como loucos e, assim, encarcerados; outros lançados nas masmorras da Inquisição, outros ainda lapidados ou queimados. Mais tarde a verdade não brilhava menos aos olhos dos sábios surpresos, que a tinham posto sob o alqueire. Dirigindo-vos incessantemente a eles, quereis, novo Galileu, vos infligir a tortura moral, que é o ridículo, e ser forçado à retratação? Dirigiu-se o Cristo aos acadêmicos de seu tempo? Não. Pregava a divina moral a todos, em geral, e ao povo, em particular.

Para apóstolos ou propagadores de sua vinda, escolheu pescadores, gente simples de coração, muito ignorantes, que não conheciam as leis da Natureza e não sabiam se um milagre as

poderia derrogar, mas que acreditavam sinceramente. “Ide – dizia Jesus – e contai o que vistes.”

Jamais operou um milagre que não fosse em favor dos que o pediam com fé e convicção. Recusou-os aos fariseus e aos saduceus que vinham para o tentar, e os chamou de hipócritas. Assim, dirigi-vos também a pessoas inteligentes, dispostas a crer; rejeitai os sábios e os incrédulos.

Aliás, o que é um sábio? Um homem mais instruído do que os outros, porque estudou mais, mas que perdeu o prestígio que tinha antigamente, auréola fatal que muitas vezes lhe valia as honras da fogueira. No entanto, à medida que a inteligência popular se desenvolveu, o seu brilho diminuiu. Hoje, o homem de gênio não mais teme ser acusado de feitiçaria. Já não é aliado de Satã.

A Humanidade esclarecida aprecia em seu justo valor aquele que trabalha muito e sabe muito; ela sabe colocar no pedestal que lhe convém o homem de gênio que produz belas obras. Como sabe em que consiste a ciência do sábio, não mais o atormenta; como sabe de onde emana o gênio criador, inclina-se perante ele. Mas, por sua vez, quer ter a liberdade de crer naquelas verdades que lhe prodigalizam consolações. Não quer que aquele que sabe mais ou menos Química, mais ou menos Retórica, que produz a mais bela ópera, venha entravar as suas crenças, lançando-lhe o ridículo no rosto e tratando suas idéias como loucura. Ela se desviará desse caminho e silenciosamente continuará sua rota. Um dia a verdade envolverá o mundo inteiro, e os que a tinham repellido serão obrigados a reconhecê-la. Eu mesmo, que me ocupei do Espiritismo até meu último dia, sempre o pratiquei na intimidade.

Pouco me importa a Academia. Crede-me, mais tarde ela virá até vós.

Delphine de Girardin

O HOMEM

O homem é um misto de grandeza e de miséria, de ciência e de ignorância. É, na Terra, o verdadeiro representante de Deus, porquanto sua vasta inteligência abrange o Universo; soube descobrir uma parte dos segredos da Natureza; sabe servir-se dos elementos; percorre distâncias imensas por meio do vapor; pode conversar com o seu semelhante de um antípoda ao outro, pela eletricidade, que sabe dirigir; seu gênio é imenso; quando depuser tudo isto aos pés da Divindade e lhe render homenagem, será quase igual a Deus!

Mas como é pequeno e miserável, quando o orgulho se apossa de seu ser! Não vê a sua miséria; vê apenas sua existência, esta vida, que não pode compreender, lhe ser arrebatada algumas vezes instantaneamente, pela só vontade dessa Divindade que ele desconhece, porquanto não pode defender-se contra ela; é preciso que se cumpra a sua sorte! Ele, que tudo estudou, tudo analisou; ele, que conhece tão bem a marcha dos astros, conhece a força criadora que faz germinar o grão de trigo que lançou à terra? Pode criar uma flor, mesmo a mais simples e a mais modesta? Não; aí se detém seu poder. Deveria reconhecer, então, um poder muito superior ao seu; a humildade deveria apossar-se de seu coração e, admirando as obras de Deus, praticaria um ato de adoração.

Santa Teresa

A FIRMEZA NOS TRABALHOS ESPÍRITAS

Vou falar-vos da firmeza que deveis ter nos vossos trabalhos espíritas. Uma citação a respeito já vos foi feita; eu vos aconselho a estudá-la de coração e aplicar-lhe o Espírito, porquanto, assim como Paulo, sereis perseguidos, não em carne e osso, mas em espírito. Os incrédulos, os fariseus da época vos censurarão, vos ridicularizarão, mas nada temais; será uma prova que vos fortalecerá, se souberdes ofertá-la a Deus: mais tarde vereis

vossos esforços coroados de sucesso. Será um grande triunfo para vós à luz da eternidade, sem esquecer que, neste mundo, já é uma consolação, uma felicidade, para as pessoas que perderam parentes e amigos, saber que são felizes, que é possível comunicar-se com eles. Marchai, pois, avante, cumpri a missão que Deus vos dá, e ela vos será levada em consideração no dia em que comparecerdes ante o Todo-Poderoso.

Channing

OS INIMIGOS DO PROGRESSO

Médium – Sr. R...

Os inimigos do progresso, da luz e da verdade trabalham na sombra; preparam uma cruzada contra as nossas manifestações; não vos preocupeis com isso. Sois sustentados poderosamente; deixai que se agitem na sua impotência. Entretanto, por todos os meios de que dispodes, dedicai-vos a combater, a aniquilar a idéia da eternidade das penas, pensamento blasfemo contra a justiça e a bondade de Deus, a fonte mais fecunda da incredulidade, do materialismo e da indiferença que invadiram as massas, desde que sua inteligência começou a se desenvolver. Prestes a se esclarecer, não obstante embrutecido bem depressa o Espírito compreendeu a monstruosa injustiça; sua razão a repele e, então, raramente deixa de confundir, no mesmo ostracismo, a pena que revolta e o Deus ao qual é atribuída. Daí os males sem-número que se abateram sobre vós, e para os quais viemos trazer o remédio. A tarefa que vos assinalamos vos será tanto mais fácil quanto as autoridades sobre as quais se apóiam os defensores desta crença têm, todas, se esquivado a um pronunciamento formal. Nem os Concílios, nem os Pais da Igreja resolveram essa grave questão. Se, conforme os próprios Evangelistas, e tomando ao pé da letra as palavras emblemáticas do Cristo, ele ameaçou os culpados com um fogo que não se extingue, um fogo eterno, nada há em suas palavras que prove haja condenado os culpados *eternamente*.

Pobres ovelhas desgarradas, sabeis ver o Bom Pastor que, longe de vos querer banir para sempre de sua presença, vem, ele mesmo, ao vosso encontro para vos reconduzir ao aprisco. Filhos pródigos, deixai o exílio voluntário; dirigi vossos passos para a casa paterna: o pai vos estende os braços e está sempre pronto para festejar o vosso retorno à família.

Lamennais

DISTINÇÃO DA NATUREZA DOS ESPÍRITOS

Médium – Sra. Costel

Quero falar-te das altas verdades do Espiritismo. Elas estão intimamente ligadas às da moral, sendo, pois, importante jamais separá-las. Antes de mais, o ponto que atrai a atenção dos seres inteligentes é a dúvida sobre a própria verdade das comunicações espíritas. A verdade, primeira dignidade da alma, está contida por inteiro neste ponto de partida. Procuremos, então, estabelecê-la.

Não há um meio infalível para distinguir a natureza dos Espíritos, se abdicarmos da razão, da comparação, da reflexão. Estas três faculdades são mais que suficientes para distinguir seguramente os diversos Espíritos. O livre-arbítrio é o eixo sobre o qual gira o pivô da inteligência humana; o equilíbrio seria rompido se não tivessem os Espíritos senão que falar para submeter os homens; nesse caso o seu poder se igualaria ao de Deus. Não pode ser assim. O intercâmbio entre os humanos e os invisíveis assemelha-se à escada de Jacó: se a uns permite que subam, deixa que outros desçam. E agindo todos uns sobre os outros, sob os olhos de Deus, devem marchar para Ele, no mesmo espírito de amor e de *inteligente* submissão. Apenas abordei superficialmente o assunto, aconselhando-vos a aprofundá-lo sob todos os seus aspectos.

Lázaro

SCARRON

Médium – Srta. Huet

Meus amigos, fui muito infeliz na Terra, porque meu Espírito era igual e por vezes superior ao das pessoas que me rodeavam; mas o corpo era inferior. Assim, meu coração era ulcerado pelos sofrimentos morais e pelos males físicos que haviam reduzido meu envoltório terrestre a um estado lastimoso e miserável.

Meu caráter se azedara com as moléstias e as contrariedades que experimentava nas relações com os amigos. Deixei-me levar pela mais causticante malignidade; eu era alegre e aparentemente sem mágoas; no entanto, sofria bem no fundo do coração. Quando estava só, entregue aos secretos pensamentos de minha alma, gemia por encontrar-me em luta entre o bem e o mal. O mais belo dia de minha existência foi aquele em que meu Espírito se separou do corpo; em que, leve e iluminado por um raio divino, lançou-se às esferas celestes. Parecia que eu renascera e a felicidade apoderou-se de meu ser: enfim, eu repousava.

Mais tarde a consciência despertou; reconheci os erros contra o Criador; experimentei remorsos e implorei a piedade do Todo-Poderoso. Desde então, procuro instruir-me no bem; busco tornar-me útil aos homens e progrido diariamente. Contudo, sinto necessidade de que orem por mim e peço aos crentes fervorosos que elevem o pensamento a Deus em meu benefício. Se me chamarem, procurarei vir sempre e responderei às perguntas tanto quanto o puder. Assim se pratica a caridade.

Paul Scarron

O NADA DA VIDA

Médium – Srta. Huet

Meus bons amigos de adoção, permiti que vos diga algumas palavras, como conselhos. Deus me autoriza a vir até vós.

Como lamento não poder comunicar-vos todo o ardor que havia em meu coração e que me animava para o bem! Crede em Deus, o autor de todas as coisas; amai-o; sede bons e caridosos: a caridade é a chave do céu. Para vos tornardes bons, pensai algumas vezes na morte; é um pensamento que eleva a alma e a deixa melhor. Porque, o que somos na Terra? Um átomo lançado no espaço; bem pouca coisa no Universo. O homem nada é: faz número. Quando olha à sua frente, quando olha para trás, é ainda o infinito que vê; sua vida, por mais longa que seja, é um ponto na eternidade. Pensai, pois, em vossa alma, pensai na vida nova que vos espera, porquanto não podeis duvidar que ela existe, fosse mesmo pelos desejos de vossa alma, jamais satisfeitos, o que é uma prova de que o serão num mundo melhor. Até logo.

S. Swetchine

AOS MÉDIUNS

Médium – Sr. Darcol

Quando quiserdes receber comunicações de Espíritos bons, importa que vos prepareis para esse favor pelo recolhimento, pelas intenções sãs e pelo desejo de fazer o bem, tendo em vista o progresso geral; porque, lembrai-vos, o egoísmo é uma causa de retardamento em todo avanço. Recordai que se Deus permite que alguns dentre vós recebam o sopro de alguns de seus filhos que, pela sua conduta, souberam merecer a felicidade de compreender sua bondade infinita, é que quer, por solicitação nossa, e à vista de vossas boas intenções, dar-vos os meios de avançar no seu caminho. Assim, pois, ó médiuns! tirai proveito dessa faculdade que Deus houve por bem vos conceder. Tende fé na mansuetude de nosso Mestre; ponde a caridade sempre em prática; jamais vos canseis de exercitar esta sublime virtude, assim como a tolerância. Que as vossas ações estejam sempre em harmonia com a vossa consciência: é um meio certo de centuplicar vossa felicidade nesta vida passageira e de vos preparardes uma existência ainda mil vezes mais suave.

Que, entre vós, se abstenha o médium que não se sentir com forças de perseverar no ensino espírita, porquanto, não tirando proveito da luz que esclarece, será menos escusável que um outro, e terá de expiar a sua cegueira.

Francisco de Salles

A HONESTIDADE RELATIVA

Médium – Sra. Costel

Hoje nos ocuparemos da moralidade dos que não a têm, isto é, da honestidade relativa, que se encontra nos mais perversos corações. O ladrão não rouba o lenço de seu camarada, mesmo quando este tenha dois; o negociante não vende caro para os amigos; o traidor, apesar de tudo, é fiel a um ser qualquer. Jamais um clarão divino está completamente ausente do coração humano; assim, deve ser conservado com cuidados infinitos, quando não expandido. O julgamento estreito e brutal dos homens impede, por sua severidade, muito mais mudanças positivas do que a prática de ações más. Desenvolvido, o Espiritismo deve ser e será a consolação e a esperança dos corações estigmatizados pela justiça humana. Repleta de sublimes ensinamentos, a religião paira muito alto para os ignorantes. Não alcança, com bastante clareza, a espessa imaginação do iletrado, que quer ver e tocar para crer. Esclarecida pelos médiuns, a crença florescerá no coração talvez ressequido do próprio médium. Assim, é principalmente ao povo que os verdadeiros espíritas devem dirigir-se, como outrora os apóstolos; que espalhem a doutrina consoladora; como pioneiros, que penetrem no pântano da ignorância e do vício, para arrotear, sanear, preparar o terreno das almas, a fim de que elas possam receber a bela cultura do Cristo.

Georges

PROVEITO DOS CONSELHOS

Médium – Srta. Huet

Aproveitais os nossos conselhos e o que vos dizemos diariamente? Não; muito pouco. Saindo de uma de vossas reuniões, entretendes a curiosidade do fato e o maior ou menor interesse que despertou nos assistentes. Mas haverá um só entre vós que se pergunte se pode aplicar a moral, o conselho que acabamos de prescrever, e se tem intenção de o fazer? Pediu, solicitou uma comunicação; obtive-a: isto lhe basta. Volta às suas ocupações diárias, prometendo a si mesmo vir rever um espetáculo tão interessante; conta os fatos aos seus amigos, a fim de lhes excitar a curiosidade, e somente para provar que os sábios podem ser confundidos; bem poucos o fazem com vistas a pregar a moral; muito poucos, mesmo, procuram melhorar-se.

Minha lição é severa; entretanto, não quero vos desencorajar. Trazei sempre a boa vontade, apenas com um pouco mais de bons sentimentos voltados para Deus e menos desejo de querer aniquilar os que não querem crer: estes dizem respeito ao tempo e a Deus.

Marie (Espírito familiar)

PENSAMENTOS AVULSOS

Ó homens! como sois soberbamente orgulhosos! Vossa pretensão é realmente cômica. Quereis tudo saber e vossa essência se opõe a esta faculdade de compreensão universal. Não chegareis a conhecer esta maravilhosa Natureza senão pelo trabalho perseverante; não tereis a alegria de aprofundar esses tesouros e de entrever o infinito de Deus, senão quando vos melhorardes pela caridade, fazendo todas as coisas do ponto de vista do bem para todos, e referindo esta faculdade do bem a Deus, que, na sua generosidade inigualável, vos recompensará além de toda expectativa.

Massillon

Como muitas vezes se diz, o homem é o joguete dos acontecimentos. De quais acontecimentos se quer falar? Qual seria sua causa, seu objetivo? Jamais se viu nisso o dedo de Deus. Esse pensamento vago e materialista, mãe da fatalidade, perdeu mais de um grande Espírito, mais de uma profunda inteligência. Sabeis o que disse Balzac: “Não há princípios; só há acontecimentos.” Isto é, segundo ele o homem não tem mais livre-arbítrio; a fatalidade apodera-se dele no berço e o conduz até o túmulo. Monstruosa invenção do Espírito humano, esse pensamento abate a liberdade, isto é, o progresso, a ascensão da alma humana, demonstração evidente da existência de Deus. O homem que se deixasse assim conduzir seria escravo de tudo: dos homens e de si mesmo! Ó homem! examina-te. Nascestes para a servidão? Não; nascestes para a liberdade.

Lamennais

Maria de Agreda

Fenômeno de bicorporeidade

Num compêndio histórico que acaba de ser publicado sobre a vida de *Maria de Jesus de Agreda*, encontramos um fato extraordinário de bicorporeidade, que prova que tais fenômenos são perfeitamente aceitos pela religião. É verdade que, para certas pessoas, as crenças religiosas não têm mais autoridades do que as crenças espíritas. Mas quando essas crenças se apoiarem sobre as demonstrações dadas pelo Espiritismo, sobre as provas patentes que ele fornece, por uma teoria pessoal, de sua possibilidade, sem derrogar as leis da Natureza, e de sua realidade por exemplos análogos e autênticos, será forçoso render-se à evidência e reconhecer, fora das leis conhecidas, a existência de outras que ainda pertencem aos segredos de Deus.

Maria de Jesus nasceu em Agreda, cidade da Castela, em 2 de abril de 1602, de pais nobres e de virtude exemplar. Muito jovem ainda tornou-se superiora do mosteiro da Imaculada Conceição de Maria, onde morreu em estado de perfeição espiritual. Eis o relato que se acha em sua biografia:

“Por maior que seja a nossa vontade de resumir, não podemos deixar de falar aqui do papel absolutamente excepcional de missionária e de apostolado que Maria de Agreda exerceu no Novo México. O fato que vamos narrar, cujas provas incontestáveis provariam, por si só, quão elevados eram os dons sobrenaturais com que Deus havia enriquecido sua humilde serva, e quão ardente o zelo que ela nutria no coração pela salvação do próximo. Nas suas relações íntimas e extraordinárias com Deus, ela recebia uma viva luz, com a ajuda da qual descobria o mundo inteiro, a multidão dos homens que o habitavam, entre os quais os que ainda não haviam entrado no seio da Igreja e estavam em evidente perigo de perder-se para a eternidade. À vista da perda de tantas almas, Maria de Agreda sentia o coração partido e, em sua dor, multiplicava preces fervorosas. Deus a fez saber que os povos do Novo México apresentavam menos obstáculos para a sua conversão que o resto dos homens, e era especialmente sobre eles que a divina misericórdia queria derramar-se. Esse conhecimento foi um novo agulhão para o coração caridoso de Maria de Agreda que, do mais profundo de sua alma, implorou a clemência divina em favor desse pobre povo. O próprio Deus lhe ordenou que orasse e trabalhasse para tal fim. E ela o fez de maneira tão eficaz que o Senhor, cujas razões são impenetráveis, operou nela e por ela uma das maiores maravilhas que a História pode relatar.

“Certo dia, tendo-a o Senhor arrebatado em êxtase, no momento em que orava insistentemente pela salvação daquelas almas, Maria de Agreda sentiu-se de repente transportada para uma região longínqua e desconhecida, sem saber como. Achou-se, então, num ambiente que não era o da Castela e experimentou os

raios de um sol mais ardente que de costume. Homens de uma raça que jamais tinha encontrado estavam diante dela, e Deus lhe ordenava que satisfizesse seus caridosos desejos e pregasse a lei e a fé santa àquele povo. A extática de Agreda obedecia à ordem. Pregava a esses índios em sua língua espanhola, e os infieis entendiam como se ela lhes falasse em sua língua materna. Seguiram-se conversões em grande número. Voltando do êxtase, esta santa mulher se achava no mesmo lugar em que estava no começo do arrebatamento. Não foi apenas uma vez que Maria de Jesus desempenhou esse maravilhoso papel de missionária e de apóstolo, junto aos habitantes do Novo México. O primeiro êxtase do gênero ocorreu em 1622; mas foi seguido de mais cinco êxtases do mesmo tipo, durante cerca de oito anos. Maria de Agreda encontrava-se freqüentemente nessa mesma região para continuar o seu apostolado. Parecia-lhe que o número dos convertidos tinha aumentado prodigiosamente, e que uma nação inteira, com o rei à frente, estava resolvida a abraçar a fé em Jesus-Cristo.

“Ela via ao mesmo tempo, mas a grande distância, os franciscanos espanhóis que trabalhavam pela conversão desse novo mundo, mas que ainda ignoravam a existência desse povo que ela havia convertido. Tal consideração levou-a a aconselhar aos índios que mandassem alguns dentre eles àqueles missionários, pedir que viessem ministrar-lhes o batismo. Foi por esse meio que a Divina Providência quis dar uma espetacular manifestação do bem que Maria de Agreda havia feito no Novo México, por sua pregação extática.

“Um dia os missionários franciscanos, que Maria de Agreda tinha visto em Espírito, mas a grande distância, viram-se abordados por um grupo de índios de uma raça que ainda não tinham encontrado em suas excursões. Estes se anunciaram como enviados de sua nação, pedindo a graça do batismo com grande insistência. Surpreendidos com a vista desses índios, e mais espantados ainda pelo pedido que faziam, os missionários trataram

de saber a sua causa. Os enviados responderam: que desde muito tempo uma mulher havia aparecido em seu país, anunciando a lei de Jesus-Cristo. Acrescentaram que essa mulher desaparecia por momentos, sem que se pudesse descobrir o seu retiro; que lhes fizera conhecer o verdadeiro Deus e lhes aconselhara que fossem aos missionários, a fim de obterem, para toda a nação, a graça do sacramento que resgata os pecados e transforma os homens em filhos de Deus. A surpresa dos missionários cresceu ainda mais quando, interrogando os índios sobre os mistérios da fé, os encontraram perfeitamente instruídos de tudo o que é necessário para a salvação. Os missionários tomaram todas as informações possíveis sobre essa mulher; mas tudo quanto os índios puderam dizer foi que jamais tinham visto uma pessoa semelhante. No entanto, alguns detalhes descritivos da roupa levaram os missionários a suspeitar que aquela mulher portasse hábitos de religiosa, e um deles, que tinha consigo o retrato da venerável madre Luiza de Carrion, ainda viva, cuja santidade era conhecida em toda a Espanha, o mostrou aos índios, pensando, talvez, que pudessem reconhecer alguns traços da mulher-apóstolo. Estes, depois de examinarem o retrato, responderam que a mulher que lhes havia pregado a lei de Jesus-Cristo na verdade tinha um véu, como esta cuja imagem lhes era apresentada; mas que, pelos traços do rosto, era completamente diferente, sendo mais jovem e de grande beleza.

“Então, alguns missionários partiram com os emissários indígenas, para recolher entre eles tão abundante colheita. Após vários dias de caminhada chegaram ao meio da tribo, sendo acolhidos com as mais vivas demonstrações de alegria e reconhecimento. Na viagem puderam constatar que em todos os indivíduos daquela raça a instrução cristã era completa.

“O chefe da nação, objeto de especial solicitude da serva de Deus, quis ser o primeiro a receber a graça do batismo, com toda a sua família, seguindo o seu exemplo, em poucos dias, a nação inteira.

“Não obstante esses grandes acontecimentos, ainda ignoravam quem era a serva do Senhor que tinha evangelizado esses povos, e nutria-se uma santa curiosidade e piedosa impaciência por conhecê-la. Sobretudo o Padre Alonzo de Benavides, que era o superior dos missionários franciscanos no Novo México, queria romper o véu misterioso que ainda cobria o nome dessa mulher-apóstolo, aspirando a voltar momentaneamente à Espanha para descobrir o retiro dessa religiosa desconhecida, que havia cooperado prodigiosamente para a salvação de tantas almas. Em 1630 pôde, enfim, embarcar para a Espanha, e se dirigiu diretamente a Madrid, onde então se encontrava o Geral de sua ordem. Benavides lhe deu a conhecer o objetivo que se havia proposto ao empreender sua viagem à Europa. O Geral conhecia Maria de Jesus Agreda e, conforme o dever de seu cargo, tivera de examinar a fundo o íntimo dessa religiosa. Conhecia, pois, a sua santidade, tão bem quanto a sublimidade dos caminhos em que Deus a havia posto. Veio-lhe logo o pensamento de que essa mulher privilegiada bem podia ser a mulher-apóstolo de que lhe falava o Padre Benavides, a quem comunicou suas impressões. Deu-lhe credenciais, pelas quais o constituía seu comissário, com ordem a Maria de Agreda para responder com toda simplicidade às perguntas que ele julgasse por bem dirigir-lhe. Com tais despachos, o missionário partiu para Agreda.

“A humilde irmã se viu, assim, obrigada a revelar ao missionário tudo quanto sabia com referência ao objeto de sua missão junto a ela. Confusa, e ao mesmo tempo dócil, relatou a Benavides tudo quanto lhe tinha acontecido em seus êxtases, acrescentando com franqueza que ignorava completamente o modo pelo qual sua ação tinha podido exercer-se a tão grande distância. Benavides também interrogou a irmã sobre as particularidades dos lugares que tantas vezes deveria ter visitado e percebeu que ela estava muito bem informada sobre tudo o que se relacionava com o Novo México e os seus habitantes. Ela lhe

expôs, nos mínimos detalhes, a topografia dessas regiões e lhas desvendou servindo-se mesmo dos nomes próprios, como o teria feito um viajante depois de vários anos passados nessas regiões. Acrescentou até que tinha visto Benavides e seus religiosos várias vezes, indicando os lugares, os dias, as horas, as circunstâncias, e fornecendo detalhes especiais sobre cada um dos missionários.

“Compreende-se facilmente o alívio de Benavides por ter, finalmente, descoberto a alma privilegiada de que Deus se tinha servido para exercer sua ação miraculosa sobre os habitantes do Novo México.

“Antes de deixar a cidade de Agreda, Benavides quis redigir uma declaração de tudo quanto havia constatado, quer na América, quer em Agreda, nas suas conversas com a serva de Deus. Nessa peça exprimiu sua convicção pessoal no tocante à maneira pela qual a ação de Maria de Jesus se fizera sentir nos índios. Inclina-se a crer que tal ação tinha sido material. Sobre o assunto a humilde religiosa sempre guardou uma grande reserva. Apesar dos incontáveis indícios que levaram Benavides a concluir pelo que, antes dele, já havia concluído o confessor da serva de Deus, indícios que pareciam acusar uma mudança corporal de lugar, Maria de Agreda sempre persistiu em crer que tudo se passava em Espírito. Na sua humildade, era fortemente tentada a pensar que o fenômeno não passasse de mera alucinação, embora, de sua parte, inocente e involuntário. Mas o seu diretor, que conhecia o fundo das coisas, pensava que a religiosa fosse transportada corporalmente, em seus êxtases, aos locais de seus trabalhos evangélicos. Apoiava sua opinião na impressão física que a mudança de clima provocara em Maria de Agreda, na longa série de seus trabalhos entre os índios, e na opinião de várias pessoas doutas, que ele consultara em grande segredo. Seja como for, o fato permanece sempre como um dos mais maravilhosos de que se tem falado nos anais dos santos, e é muito apropriado para dar uma idéia verdadeira, não só das comunicações divinas que recebia

Maria de Agreda, mas também de sua candura e de sua amável sinceridade.”

Aviso

Lembramos aos nossos leitores que a obra intitulada: *Instrução Prática sobre as Manifestações Espíritas* está esgotada e será substituída por outra, bem mais completa, sob o título de *Espiritismo Experimental*⁴³. Encontra-se no prelo e aparecerá no mês de dezembro.

Lembramos, igualmente, que a segunda edição da *História de Joana d'Arc*, ditada por ela mesma à Srta. Ermance Dufaux, está a venda. O seu sucesso não diminuiu; é sempre lida com o mesmo interesse pelas pessoas sérias, partidárias ou não do Espiritismo. Essa História será sempre considerada como uma das mais interessantes e mais completas já publicadas.

Allan Kardec

43 N. do T.: Allan Kardec refere-se a *O Livro dos Médiuns*, que surgiria em janeiro de 1861.